



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DÉBORA CASTRO
FERNANDA FÉLIX GREGÓRIO
LILIANE ALMEIDA DE OLIVEIRA

Contribuições e Implicações do Estágio Supervisionado na Educação de
Jovens e Adultos para a formação dos licenciandos em Geografia.

JACOBINA/BA

2010

DÉBORA CASTRO
FERNANDA FÉLIX GREGÓRIO
LILIANE ALMEIDA DE OLIVEIRA

Contribuições e Implicações do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos para a formação dos licenciandos em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Departamento de Ciências Humanas – DCH.

Orientado pela Prof^a Msc. Jacy Bandeira Almeida Nunes.

JACOBINA/BA

2010

DÉBORA CASTRO

FERNANDA FÉLIX GREGÓRIO

LILIANE ALMEIDA DE OLIVEIRA

Contribuições e Implicações do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos para a formação dos licenciandos em Geografia.

Monografia submetida à Comissão Examinadora do corpo docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina – B^a, como parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação do Curso de Licenciatura em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Msc. Jacy Bandeira Almeida Nunes

Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus IV

Prof^o. Msc. Marccone Dennys Reis Nunes

Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV

Prof^a. Msc. Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim

Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV

Aprovadas em _____

Dedico,

A Deus em primeiro lugar que representa o sinônimo de paz, felicidade e amor na minha vida.

A minha querida mãe que faz o possível e impossível pela minha felicidade a ela que dedico todo o meu amor, ao meu pai que se mostra sempre justo, digno e amável , aos meus queridos irmãos Zé e Nau pelo apoio e pelo carinho, a minha cunhada Déa e a minhas princesas Ingrid e Bia.

Em especial ao meu amado marido Pablo que esteve sempre presente nos momentos mais felizes e mais difíceis da minha vida, o meu eterno amor e agradecimentos e, aos Quiquinhos e ao Selva.

Débora C. de Castro Moura

Primeiramente a Deus, pois, sem ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando juntos destes momentos.

A minha família, em especial a minha mãe Genivalda, pelo esforço, dedicação, em todos os momentos deste e de outras caminhadas.

As minhas colegas de equipe Débora e Liliane, pelos momentos de aprendizagem constante e pela amizade solidificada ao longo deste trabalho que, certamente se eternizará.

Ao meu Namorado Agnaldo, pela compreensão, paciência e carinho, sempre me ajudando e apoiando nessa jornada.

Fernanda Félix Gregório.

A Deus pelo seu infinito amor e proteção, por ter me acompanhado e amparado nos momentos difíceis.

Aos meus eternos e verdadeiros amores pai, mãe, irmãos e sobrinhos sempre tão presentes e prestativos, ajudando - me nos momentos de angústias.

Ao meu noivo Pedro Júnior, pelo carinho, amor, amizade e compreensão, sempre entendendo as minhas ausências, e demonstrando um companheirismo incondicional.

Liliane Almeida de Oliveira

AGRADECIMENTO

A professora Jacy Bandeira Almeida Nunes, pela orientação dada e, pelas diversas vezes em que nos socorreu nas nossas inúmeras dúvidas, por ter sempre se mostrado amiga e presente.

A professora Cléa Inês Brandão, pela especial presteza, por ter nos emprestado materiais que nos ajudaram a desenvolver nossa pesquisa.

Ao professor Marcone Dennys pelo acolhimento, sempre se mostrando à disposição quando solicitado, o nosso especial agradecimento pelos materiais emprestados, os quais foram de grande valia para o desenvolvimento do nosso estudo.

A Matheus Silva Alves, secretário do Colegiado de Geografia pela amizade, receptividade e pelas diversas vezes em que se mostrou solidário e compreensivo, nos ajudando no que estivesse ao seu alcance.

Ao colega Antoniel Alves, por ter se mostrado atencioso e prestativo.

A todos os docentes que muito nos ensinaram, com suas teorias ou com suas conversas sempre acolhedoras pelos corredores da Universidade.

Aos alunos, professores e estagiários, participantes da pesquisa, sem os quais não seria possível realizar esse estudo.

A todos os funcionários do Campus IV, pela especial atenção.

A todos que direta ou indiretamente nos apoiaram para que essa pesquisa fosse produzida.

No Brasil, um curso de formação de professores não pode deixar de lado a questão da educação de jovens e adultos, que ainda é uma necessidade social expressiva. Inúmeras experiências apontam a necessidade de pensar a especificidades desses alunos e de superar a prática de trabalhar com eles da mesma forma que se trabalha com os alunos do ensino fundamental ou médio regular.

(PROJETO UNIFICADO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA. 2004 E RETIFICADO EM 2006)

LISTA DE ABREVIações

CEAA- Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CPCs- Centro de Cultura Popular.

EJA- Educação de Jovens e Adultos.

EP- Em Processo.

FNEP- Fundo Nacional de Ensino Primário.

IES- Instituto de Ensino Superior.

NEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MCP- Movimento de Cultura Popular.

MEB- Movimento de Educação de Base.

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

PC - Percurso Construído.

PI - Percurso Interrompido.

UNEB - Universidade do Estado da Bahia.

UNE- União Nacional dos Estudantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Gráfico representando as atividades desenvolvidas pelos alunos e a carga horária diária. p.40.

Figura 02- Gráfico representando os motivos que levaram os alunos a estudarem na EJA. p.41.

Figura 03- Gráfico representando os conteúdos de Geografia que os alunos obtiveram uma melhor aprendizagem. p.42.

RESUMO

O objetivo deste estudo consistiu-se em compreender os efeitos do período de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), para a formação do licenciando em geografia. A questão que desencadeou o processo de investigação foi: Como o Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a formação do licenciando de geografia no Campus IV, Jacobina, Bahia? Propôs-se enquanto objetivos específicos: analisar a proposta do Estágio Supervisionado em Geografia; examinar a proposta do Programa de EJA; identificar dificuldades e/ou facilidades que os licenciandos em geografia possuem para construir os conhecimentos geográficos na EJA; investigar sob o ponto de vista do aluno da EJA se o período do estágio supervisionado interfere no seu processo de ensino aprendizagem; verificar como o Programa de EJA é visto dentro do Regimento Setorial do Curso de Geografia. À abordagem da pesquisa teve enfoque dialético. Caracterizou-se por uma pesquisa explicativa que propôs elucidar as relações que se dá entre os sujeitos: alunos e professores da EJA e estagiários da Universidade do Estado da Bahia- Campus- IV. Os procedimentos utilizados na investigação articularam o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo, objetivando realizar a triangulação dos dados e instrumentos. Para a coleta dos dados optou-se por questionários e a entrevista episódica (qualiquantitativos). Os resultados demonstraram contribuições como o aprendizado dos sujeitos envolvidos, enriquecendo assim a sua prática pedagógica. As implicações foram as dificuldades encontradas como: adaptação de conteúdo, evasão escolar, falta de material didático e a ausência da disciplina específica da EJA, motivos esses que acabaram dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Educação de Jovens e Adultos, Ensino da geografia.

ABSTRACT

The propose of this study is constituted by the comprehension of the effects in the Supervised Practical Training on Youngs and Adults Education, to the graduation of graduating students of Geography. The question that that open the process of investigations was: how Supervised Practical Training on Youngs and Adults Education can contribute to the graduation of students of Geography in CAMPUS IV, Jacobina, Bahia. As a particular objective was proposed: to analyze the proposal of the Supervised Practical Training on Geography; examine the proposal of the Youngs and Adults Education Program; To Identify the difficulties and facilities that graduating students of Geography have to construct a geographical knowledge for Youngs and Adults Education; to investigate, under the point of view of students of Youngs and Adults Education, if the period of the Supervised Practical Training interfere in the process *teaching-learning*; to verify how Youngs and Adults Education Program is treated into the Sectional Regulation of Geography's Course. The search boarding had a dialectic focus. Was characterized by an explanatory search that suggested to clear up the relations that there are among the concerned subjects: students, teachers of EJA and probationers of Universidade do Estado da Bahia – CAMPUS - IV. The investigation processes joined the bibliographical searching and the local exploration, objecting to realize the triangulation of the data and deeds. To collecting the data was chosen the questionnaire and the episodic interview (quali-quantitative process). The outcomes showed contribution with the learning to the concerned subjects, though enriching their pedagogical practice. The implications was some difficulties such as: adaptation of the content, school evacuation, lack of didactical material and the absence of an specific discipline of EJA, these reasons became the process of learning more difficult.

Key-words: Supervised Practical Training, Youngs and Adults Education, teaching of geography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO I	
1 Estágio Supervisionado.....	18
1.1 Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos.....	22
CAPITULO II	
2 Educação de Jovens e Adultos.....	24
2.1 Histórico.....	24
2.2 Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida.....	27
2.3 Currículo.....	28
2.4 O processo de avaliação na EJA.....	30
CAPITULO III	
3 O Ensino da Geografia.....	34
3.1 O ensino de geografia na Educação de Jovens e Adultos.....	37
CAPITULO IV	
4 Análise de Dados.....	39
4.1 Questionário realizado com os alunos da EJA.....	39
4.2 Questionários realizado com os professores que lecionam na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.....	44
4.3 Entrevista Episódica.....	45
Considerações Finais	53
Referências	56
ANEXOS	
APÊNDICE	

Introdução

A educação é um processo histórico de construção e criação do homem para a sociedade. Este segmento emerge da dialética entre homem, mundo, história e circunstância.

O sistema educacional é muito abrangente, contempla diversas esferas do saber: educação infantil, fundamental, médio, superior, dentre outros. A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destina a oferecer oportunidade de estudo para aquelas pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular na idade adequada. Nesta perspectiva, como foi pontuado na epígrafe, os cursos de licenciaturas no Brasil não podem deixar de lado a questão da educação de jovens e adultos, pois a mesma ainda é uma necessidade social expressiva. Várias experiências demonstram a necessidade de pensar de forma específica quando se trabalha com os alunos da EJA. Sendo que os mesmos possuem objetivos, aspirações diferenciadas dos frequentadores da educação regular buscam crescimento imediato, ou seja, uma melhor qualidade de vida para si e para sua família, qualidade esta que por vários e/ou diferentes motivos foram lhes negadas e /ou tiradas.

Dessa forma, optamos por investigar quais são as contribuições que a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos pode trazer para os licenciandos em geografia durante o período de Estágio Supervisionado III, considerando que o estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor.

O nosso objetivo geral é: Compreender os efeitos do período de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a formação do licenciando em geografia. Para tanto, temos como objetivos específicos:

- Analisar a proposta do Estágio Supervisionado em Geografia;
- Examinar a proposta do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA);

- Identificar as frequentes dificuldades e/ou facilidades que os licenciandos em geografia possuem para construir os conhecimentos geográficos no Programa de Educação de Jovens e Adultos;
- Investigar, sob o ponto de vista do aluno da EJA, se o período do estágio supervisionado interfere no seu processo de ensino aprendizagem;
- Verificar como o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) é visto dentro do Regimento Setorial do Curso de Geografia.

O método de abordagem que utilizamos é o dialético por considerá-lo mais adequado na investigação da nossa temática. Este compreende o ser humano como transformador e criador sócio-histórico da realidade social. Sendo assim, o sujeito e o objeto encontram - se em constante interação.

Buscamos através do método dialético a historicidade dos fenômenos, a práxis, as contradições, as relações com a totalidade e a ação dos sujeitos sobre as suas circunstâncias, caracterizando o homem como um ser social e histórico.

No nosso trabalho utilizamos a pesquisa qualiquantitativa devido ao fato de nosso objeto de investigação estar relacionado à área educacional, onde emergem as relações humanas e situações vividas que são experimentadas no contexto da ação cotidiana. Faz-se necessário utilizar a análise qualitativa uma vez que esse instrumento permite uma melhor compreensão dos fenômenos existentes na área educacional. Por outro lado, a pesquisa quantitativa tem um papel fundamental na nossa investigação, pois a mesma quantificará os dados coletados e, em conjunto com a pesquisa qualitativa, elucidará os resultados obtidos no nosso trabalho.

Para a investigação do nosso objeto utilizamos a pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo que se apresenta como uma possibilidade para a aproximação e investigação do objeto analisado.

As técnicas empregadas no campo foram: o questionário e a entrevista episódica, sendo essa última uma técnica nova, que segundo Flick (2002) se baseia em um guia de entrevistas para os campos específicos a respeito dos quais se buscam narrativas e respostas para diversos temas.

Para realizar a entrevista foi necessário dividi-la em três etapas: A fase inicial, coletada antes do período do Estágio Supervisionado, a fase intermediária, realizada durante a exequibilidade do estágio e, por fim a fase final, a qual ocorreu com o encerramento das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado III. As entrevistas foram gravadas e logo após transcritas em sua totalidade para não perder nenhum detalhe.

Para a execução da nossa pesquisa foram utilizados 17 indivíduos, sendo dois educadores, nove educandos, representando o segmento de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como seis estagiários do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS-IV, os quais realizaram seu estágio na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos no período correspondente ao Estágio Supervisionado III.

A nossa pesquisa foi organizada em quatro partes: no primeiro capítulo abordamos a temática do Estágio Supervisionado e a sua importância junto ao futuro campo profissional do licenciando em geografia. Nesta perspectiva, nos propomos a analisar quais são os objetivos do Estágio junto à lei que o regulamenta, bem como as Diretrizes Curriculares dos cursos de Graduação e o Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia da UNEB - CAMPUS - IV.

No segundo capítulo apresentamos o histórico da Educação de Jovens e adultos a partir da década de 1930 até o ano de 2009. Neste contexto, foram destacados aspectos como: currículo, perfil do educando, avaliação e as mudanças ocorridas durante esse período.

No terceiro capítulo enfatizamos a temática do Ensino da Geografia e, como esse vem sendo desenvolvido em sala de aula de forma dicotomizada, tornando o ensino desinteressante uma vez que a ciência geográfica deve ser trabalhada de forma totalitária. Diante desta análise, destacamos o Ensino da Geografia na EJA e a importância dos conhecimentos adquiridos pelos alunos a partir das suas próprias vivências, as quais devem ser levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem.

No quarto capítulo analisamos os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo, através do questionário aplicado com os professores e alunos da EJA, bem como a entrevista episódica realizada com os Estagiários do curso de Geografia na EJA. Procuramos elucidar os dados através da triangulação dos resultados e chegamos às seguintes considerações: a importância da disciplina de Educação de Jovens e Adultos, bem como as contribuições e implicações de se estagiar nessa modalidade de ensino.

CAPÍTULO I

1 Estágio Supervisionado

Neste capítulo abordamos a temática do Estágio Supervisionado e como esse se faz necessário na formação do futuro profissional. O Estágio é uma oportunidade de o aluno obter conhecimento, ter uma visão mais ampliada do mercado e complementar as teorias recém absorvidas na universidade através do contato direto com a profissão escolhida. Neste sentido, o mesmo é concebido como um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem do fazer concreto, onde um conjunto de situações, de atividades de aprendizagem profissional se manifesta para o estagiário, tendo em vista a sua formação. Para Passini (2007, p.29), “É o estágio tanto de observação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional”.

Outra autora que infere de forma relevante acerca da temática pesquisada é Buriolla (2001, p. 13), quando aponta que: “O estágio é o lócus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, o mesmo deve ser planejado gradativa e sistematicamente.”

A Legislação Federal normatiza os estágios de forma geral. Sendo assim, a Lei original é a nº 6.494/77, de 07 de dezembro de 1977, que legisla sobre os estágios de estudantes de ensino superior e profissionalizantes de segundo grau e supletivo. Esta lei é regulamentada pelo Decreto nº 87.497/82 de 18 de agosto de 1982 e modificada pela lei 8.859 de 23 de março de 1994 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96). Com relação ao estágio, a Lei diz no seu artigo 1º, parágrafo 2º que:

O Estágio somente poderá verificar-se em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação do estagiário devendo, o aluno estar em condições de realizar o estágio, segundo disposto na regulamentação da presente lei.

O Decreto nº 87.497/82 normatiza no seu artigo 3º que:

O Estágio curricular, como procedimento didático-pedagógico, é atividade de competência da Instituição de Ensino a quem cabe a decisão sobre a matéria e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade a campos de estágio, outras formas de ajuda e colaborando no processo educativo.

Diante dessa abordagem, a Lei enfatiza que o estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, as Instituições de Ensino deverão regulamentar sobre a programação, orientação e supervisão, avaliação do aprendizado, sua carga horária, duração e jornada curricular, as condições, caracterização e definição dos campos de estágio. Legisla, ainda, a existência de convênio entre a Instituição de Ensino e a de campo de Estágio, com o objetivo de assegurar o desenvolvimento do aprendizado como tal, reconhecido pela Lei em vigor.

A Legislação Geral existente confere na sua execução um caráter de proteção e de formação prática ao aluno. Sendo assim, intenciona-se um aprendizado que permita ao discente o preparo efetivo para o agir profissional, a possibilidade de um campo de experiência, a vivência de uma situação concreta supervisionada por um profissional competente, que lhe permitirá uma previsão constante desta vivência e o questionamento de seus conhecimentos, habilidades, visões de mundo, dentre outros, podendo levá-lo a uma inserção crítica na área profissional e num contexto sócio-histórico-educacional mais amplo.

As Diretrizes Curriculares normatizam em seu parecer CNE/CES nº492, de 03 de abril de 2001, a aprovação dos cursos de graduação. O parecer mencionado foi retificado pelo parecer nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001. Nesta perspectiva, o parecer aponta que o papel do curso de geografia, em seu processo de desenvolvimento histórico como área do conhecimento, foi se consolidando teoricamente, assim como sua posição como uma ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza. Isso significa dizer que possui um conjunto muito amplo de interfaces com outras áreas do conhecimento científico. Assim, coloca-se a necessidade de buscar compreender essa realidade espacial, natural e humana, não de uma forma fragmentada, mas como uma totalidade dinâmica. Diante dessa temática, segundo as diretrizes curriculares dos cursos de graduação, são conferidas ao curso de geografia as competências e habilidades gerais, sendo essas:

- Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações dos conhecimentos;
- Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
- Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
- Planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica;
- Dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento geográfico;
- Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação da Geografia;
- Utilizar os recursos de informática;
- Dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico;
- Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares.

(PARECER CNE/CES nº 492/2001 p.11)

No que diz respeito ao estágio supervisionado e às atividades complementares do curso de geografia, o parecer supracitado aborda que:

Os estágios e atividades complementares fazem parte da necessidade de que haja articulação entre a teoria e a prática, e entre a pesquisa básica e a aplicada. Para que esta articulação se processe no âmbito do currículo é necessário que o entendamos como 'qualquer conjunto de atividades acadêmicas previstas pela IES para a integralização de um curso' e, como atividade acadêmica, 'aquela considerada relevante para que o estudante adquira, durante a integralização curricular, o saber e as habilidades necessárias à sua formação e que contemplem processos avaliativos'. (PARECER CES 492/2001, p.12).

Neste contexto, segundo as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação (2001), são consideradas atividades integrantes da formação do aluno de Geografia, além da disciplina: estágios, que poderão ocorrer em qualquer etapa do curso, desde que seus objetivos sejam claramente explicitados; seminários; participação em eventos; discussões temáticas; atividades acadêmicas à distância; iniciação à pesquisa, docência e extensão; vivência profissional complementar; estágios curriculares, trabalhos orientados de campo, monografias, estágios em laboratórios; elaboração de projetos de pesquisa e executivos, além de outras atividades acadêmicas a juízo do colegiado do curso.

No que concerne ao Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia da UNEB¹, o estágio é entendido como sendo: “uma atividade curricular e acadêmica que tem por fim proporcionar ao aluno dos cursos de licenciatura a vivência de/ e a articulação entre pesquisa, extensão e ensino” (2008, p.2).

Dessa forma, para Bittecourt, Miquelin e Silva (2006 s. p.) as vivências de estágio constituem-se num meio privilegiado de integração entre a teoria e a prática, tornando-se fator decisivo na formação do licenciando. Nesta abordagem, o estágio curricular apresenta-se como um meio de aprendizagem social, profissional, cultural, permitindo ao discente participar de situações na comunidade em geral, sob responsabilidade e coordenação da Instituição de Ensino.

Segundo Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia da UNEB (2008, p. 2), o Estágio Curricular é estruturado “a partir do quinto período acadêmico e distribuído em três modalidades e quatro componentes curriculares, somando um total de 400 horas.”

As modalidades de ensino podem ser caracterizadas como: observação, intervenção e regências. Os componentes curriculares são divididos em Estágio I, II, III e IV.

O Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia da UNEB aborda que no Estágio Supervisionado I o estudante faz um levantamento e /ou delimitação do tema de seu interesse para a realização do projeto de intervenção a ser executado no semestre vindouro. É nesse período que o aluno realiza pesquisa de observação nas entidades estabelecidas, bem como relata as observações e esboça as ações do período de aprendizagem. Possui carga horária de 100 horas, sendo que 40 horas são destinadas para delimitação temática, fundamentação e planejamento da observação em campo, 20 horas reservadas para o trabalho de campo (observação), 15 horas para escrita do relatório concernente à observação, 15 horas para produção do anteprojeto de intervenção e 10 horas destinadas para a socialização dos resultados vivenciados na sala de aula através da observação, com a participação no Seminário de Estágio. As atividades realizadas durante o período de aprendizado são obrigatoriamente individuais segundo o Regulamento Setorial.

¹ Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia - UNEB Campus IV, Jacobina- BA, 2008, elaborado pela Comissão Setorial de Estágio do Curso de Geografia: Prof^o. Mestre. Marcos Paulo Souza Novais; Prof^o Msc. Edvaldo Hilário dos Santos; Prof^o. Msc. Marcone Dennys Reis Nunes

O Estágio II é o momento de reestruturação e execução do projeto de intervenção pedagógica em espaços formais e não formais, com carga horária de 100 horas, sendo que 15 horas devem ser utilizadas para a reestruturação do projeto de intervenção, 35 horas para a execução propriamente dita do projeto, 20 horas para a tematização da prática docente do aluno (a) estagiário (a), 15 horas para a confecção escrita do relatório de vivência e 15 horas para a socialização dos resultados vivenciados durante a execução do mini curso, por meio da participação no Seminário de Estágio. Rege o regulamento que o mini curso ou oficina poderá ser executado por no máximo dois estagiários.

Por sua vez, o Estágio Supervisionado III, também com carga horária de 100 horas, propõe a vivência de classe na disciplina de Geografia correspondente à habilitação do Ensino Fundamental de quinta à oitava série. O referido estágio organiza-se nas seguintes etapas: 20 horas na qual será realizado o contato com a escola campo de estágio: 10 horas de co-participação, ou seja, observação da turma em que irá estagiar; 30 horas de regência; 25 horas para a tematização do estágio com o professor-orientador e 15 horas para a socialização dos resultados através de um Seminário de Estágio.

Já o Estágio Supervisionado IV refere-se ao período de Regência de classe na disciplina correspondente, o qual ocorrerá no Ensino Médio; possui também carga horária de 100 horas e suas respectivas etapas foram mencionadas no Estágio de Regência III.

De modo geral, aplicam-se às disciplinas Estágio Supervisionado I, II, III, IV as possibilidades de se verificar como acontece a construção da identidade do educador e de seus saberes e fazeres, e também, permite aos estagiários a articulação entre teoria e a prática docente.

1.1 Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos

O Estágio Supervisionado de Geografia oferece aos licenciandos duas alternativas de estágio: Ensino regular e Educação de jovens e Adultos, a qual é oferecida apenas no turno noturno.

Após a realização de uma leitura flutuante a respeito dessa temática, encontramos alguns artigos dentre os quais destacamos o “Estágio Supervisionado obrigatório em

Geografia: uma experiência na educação infantil e séries iniciais da educação básica”, de Bittecourt, Miquelin e Silva (2006 s. p.), que tem como objetivo geral proporcionar ao licenciando o domínio de instrumentos teóricos e práticos necessários ao desempenho de suas funções. Busca-se, através dessa prática, favorecer a vivência e promover práticas adquiridas no curso, bem como favorecer, por meio da diversificação dos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos estagiários.

Para Bittecourt, Miquelin e Silva (2006 s. p.), a experiência pelo primeiro contato com as diversas e contraditórias realidades escolares traz aos alunos do curso de graduação em geografia a expectativa da construção de sua identidade como professor, de como ser um bom docente e certa preocupação acerca da realidade social de seus alunos.

Neste mesmo artigo, os autores ainda afirmam que a prática docente é uma atividade imprescindível na construção de saberes, como uma atividade social. A expectativa dos estagiários também circula em torno de questionamentos comuns referentes à realidade social de seus futuros discentes.

Com relação à grade curricular (Apêndice A) e o componente “Educação de Jovens e Adultos” do curso de geografia da UNEB, o Projeto de Reforma Curricular do Curso de Licenciatura em Geografia de 2004 e reformulada em 2006, justifica devido:

A existência de um contingente ainda expressivo de jovens de 15 anos e mais com nenhuma escolaridade, acrescido daquela que não deu prosseguimento a seu processo de escolarização, faz da educação de jovens e adultos um programa especial que visa dá oportunidades educacionais apropriadas aos brasileiros que não tiveram acesso ao ensino fundamental e ensino médio na idade própria.

O Componente Curricular Educação de Jovens e Adultos está inserido na grade curricular dos cursos de Geografia da UNEB, o mesmo pertence ao eixo três o de Educação. O mencionado componente não foi oferecido entre 2006 a 2009, período correspondente à turma de licenciandos de 2006.1.

CAPÍTULO II

2 Educação de jovens e adultos

A educação básica é atualmente um dos pilares mais importantes no processo de aprendizagem do educando. Logo, a elevação do ensino empreendido nas etapas iniciais é fator imprescindível para se atingir os patamares mínimos necessários ao processo de inclusão social. A história das ideias em torno da Educação de jovens e adulto no Brasil acompanha a história da educação como um todo.

O artigo EJA: Contexto Histórico e desafios da formação docente de Gentil (2005) aborda que diferentes discussões e definições em torno da alfabetização e/ou escolarização de jovens e adultos acompanham lutas ideológicas e políticas de cada período, trazendo consequências pedagógicas sérias ao processo educativo de sujeitos que buscam tardiamente suas escolarizações.

2.1 Histórico

Para Ribeiro (1997), em meados da década de 1930, a educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar na história da educação brasileira, quando finalmente começa a consolidar um sistema público de educação elementar no país. Neste período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos. A oferta do ensino gratuito estendia-se consideravelmente acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. Gentil (2005) pontua que a década de 1940 pode ser considerada como um período de ascensão para educação de jovens e adultos, pois nela aconteceram várias iniciativas políticas e pedagógicas, tais como: a regulamentação do Fundo Nacional de Ensino Primário – FNEP; a criação do INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, incentivando e realizando estudos na área; o lançamento de uma campanha nacional de massa, a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos- CEAA, a qual pretendia uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. Neste período houve uma preocupação

com a elaboração do material didático destinado aos adultos, como também a realização de dois eventos fundamentais para a área: 1º “Congresso Nacional de Educação de Adultos” realizado em 1947 e o “Seminário Interamericano de Educação de Adultos” de 1949.

Segundo Ribeiro (1997), no final da década de 1950, a Campanha de Educação de Adultos fracassou devido às críticas em relação às deficiências administrativas e financeiras como também pela sua orientação pedagógica. Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país. Todas essas críticas convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire.

Ainda para Ribeiro (1997), o pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como sua proposta para a alfabetização de adultos, inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos de 1960 na chamada Pedagogia da Libertação e Pedagogia do Oprimido. Esses programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. Desenvolvendo e aplicando essas novas diretrizes, atuaram os educadores do MEB- Movimento de Educação de Base, ligado à CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dos CPCs- Centro de Cultura Popular, organizados pela UNE-União Nacional dos Estudantes, dos Movimentos de Cultura Popular- MCP. Esses diversos grupos foram se articulando e passaram a pressionar o Governo Federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas.

Gentil (2005) aborda que nos anos de 1970, durante o período da ditadura militar, o sistema MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) expandiu-se por todo o território nacional. O Mobreal propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo-lhe melhores condições de vida. Entretanto, desacreditado nos meios políticos e educacionais, o Mobreal foi extinto em 1985; seu lugar foi ocupado pela Fundação Educar, que abriu mão de

executar diretamente os programas, passando a apoiar financeiramente e tecnologicamente as iniciativas do governo, entidades civis e empresas a ela conveniadas.

No decorrer dos anos ocorreram várias transformações no campo do segmento de ensino de jovens e adultos no país. Vale salientar que o ano de 1988 foi de grande importância para o Brasil e, conseqüentemente, para o sistema educacional, uma vez que a promulgação da Constituição Federal passou a garantir relevantes avanços no campo da EJA. No art. 208, a Educação passa a ser direito de todos independente de idade. Sendo assim:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

Gentil (2005) enfatiza que apesar do artigo que definiu na Constituição a educação como sendo “direito de todos”, a década de 1990 chegou com políticas públicas educacionais pouco vantajosas a este segmento, pois os programas ora ofertados em 1988 não conseguiam atender à demanda populacional.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96, trouxe um significativo ganho à educação de adultos, institucionalizando esta modalidade de ensino, a qual pode ser encontrada na seção V, da Educação de Jovens e Adultos, artigos 37º e 38º. Neste sentido, vale ressaltar o artigo 37 incisos I e II.

Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria. I Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades, consideradas características ao alunado, seus interesses condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames.

II. O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

2.2 Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida

Segundo a proposta² de “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida”, o processo educacional desse segmento está pautado ao Estado, sendo dever do mesmo garantir a Educação básica às pessoas que não tiveram passagens anteriores à escola ou àquelas que não conseguiram acompanhar ou concluir o ensino regular.

Entendido como um processo de formação no qual deverá levar em consideração as formas de vida, o trabalho e a sobrevivência dos jovens e adultos que se enquadram como principais indivíduos desse segmento educacional. Neste contexto:

Deve-se levar em conta a diversidade destes grupos sociais: perfil socioeconômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de participação sócio-econômica. Sendo assim requer pluralismo, tolerância e solidariedade na sua promoção, na oportunidade de espaços e na alocação de recursos. (GADOTTI e ROMÃO 2005, p. 120).

A EJA, enquanto modalidade de ensino apropriada ao jovem adulto trabalhador, indica que atenda a jovens (a partir de 18 anos), adultos e idosos. Os alunos chegam à escola com um saber próprio, elaborado a partir de suas relações e dos seus mecanismos de sobrevivência.

Para Ribeiro (1997), o público que tem ocorrido a este programa, em sua ampla maioria é constituído de pessoas que já tiveram passagens fracassadas pela escola, entre elas muitas recém excluídas do ensino regular. De um modo geral, os alunos da EJA são tratados como uma massa de alunos problemáticos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar". Arroyo (2001) chama a atenção para o discurso escolar que os trata como repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional, ou seja, concepções e propostas de EJA comprometidas com a formação humana que passam, necessariamente, por entender quem são os sujeitos e que processos

² Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida (estruturação dos cursos presenciais de EJA Rede Estadual a partir do ano de 2009), elaborado por Arlene Malta, Gladys Freitas, Ive Carvalho e Marlene Silva, consultoria Prof^o Miguel Arroyo.

pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades e desejos. Sendo assim:

Os olhares sobre a condição social, política e cultural dos alunos de EJA têm condicionado as diversas concepções da educação que lhes é oferecida, 'os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... - têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas públicas oficiais'. (ARROYO 2001, p. 10)

A situação citada demonstra o grande desafio pedagógico, em termos de seriedade e criatividade, que a educação de jovens e adultos impõe ao docente. Como garantir a esse segmento social que vem sendo marginalizado nas esferas sócio-econômica e educacional um acesso à cultura letrada que lhe possibilite uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura?

2.3 Currículo

O currículo da EJA, segundo a proposta de “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida” deverá ser pautado numa pedagogia crítica, que considera a educação como um dever político, como espaço e tempo propício à emancipação dos educandos e da consciência crítico-reflexiva e autônoma. Busca-se por meio da proposta curricular da EJA reconstruir posturas afirmativas e olhares menos escolarizados, pois a EJA não deve ser comparada a um suposto modelo ideal de escolarização. Dentre os principais objetivos da estrutura curricular da nova proposta da EJA destacamos:

- A construção coletiva da nova Política de EJA;
- A elaboração de uma Proposta Curricular com base em aprendizagens por Tempos Formativos, Eixos Temáticos e Temas Geradores³. Estes últimos organizam - se nas diferentes áreas do conhecimento;

Nesta perspectiva, faz-se necessário levar em conta os saberes e fazeres que seja construído no tempo da juventude e da adultez, as experiências e vivências de

³ Temas Geradores são conhecimentos primeiros indicados como possibilidades de estudo/trabalho não como imposições, as primeiras idéias foram lançadas por Paulo Freire. Segue em apêndice o modelo curricular da EJA, o qual esclarece melhor à temática (Apêndice B).

trabalho e, ainda, de sobrevivência desses sujeitos nas cidades e nos campos.

Neste sentido:

O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão. (GADOTTI e ROMÃO 2005, p. 121).

Ribeiro (1997), ao efetivar o direito à educação dos jovens e adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular, que prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

A autora ainda pontua que é imprescindível que o educador de jovens e adultos possua aptidão de solidarizar-se com os educandos, tendo a disposição de encarar dificuldades como desafios estimulantes e a confiança na capacidade de todos de aprender e ensinar. Coerentemente com essa postura, é fundamental que esse educador procure saber quem é seu alunado, suas expectativas, sua cultura, e problemas além de suas necessidades de aprendizagem. Vale salientar ainda que o docente tem que possuir uma sensibilidade especial para trabalhar com a diversidade, já que numa mesma turma encontrará indivíduos com diferentes histórias de vida.

Dentre as principais características que são necessárias à construção do perfil do educador da EJA, pode-se destacar segundo a proposta de Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida (estruturação dos cursos presenciais de EJA Rede Estadual a partir do ano de 2009).

- Ter formação acadêmica ou em serviço com os tempos da juventude e vida adulta;
- Conhecer a comunidade em que atua e sua formação: como vivem e trabalham os jovens e adultos;
- Participar, conhecer, entender os movimentos que se organizam em prol de conquistas para os populares;
- Comungar com os ideários e exercitar os princípios da educação popular;
- Cooperar de forma crítica e competente na elaboração do Projeto Político Pedagógico, assegurando direitos para a EJA;
- Construir uma prática dialógica nos espaços tempos e processos de EJA, considerando os saberes da vida como conteúdos fundantes do processo pedagógico;

- Entender e respeitar de maneira positiva a diversidade de território, idade, gênero, sexo, raça/etnia, crenças e valores, assumindo-a como elemento pedagógico;
- Apresentar projeto de trabalho solidário para intervenção na realidade sócio-político-cultural dos educandos da EJA.

(PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: aprendizagem ao longo da vida. 2009 p. 5)

Essa proposta é inovadora no que condiz com a educação de jovens e adultos. O perfil do educador é traçado de maneira específica, onde se faz necessário a formação acadêmica e também conhecer a comunidade, pregando os ideais da educação popular, respeitando e entendendo as diferenças existentes em sala de aula. A proposta se mostra de forma adequada para a educação de jovens e adultos, entretanto se faz necessário questionar se os docentes têm condições de atuar nesse segmento de ensino, pois para que a proposta venha a funcionar é necessário uma preparação específica.

Para Gadotti e Romão (2005), os docentes que lecionam na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para a docência nesse segmento específico. Em geral, são educadores leigos ou pertencentes ao próprio corpo docente do ensino regular. Percebe-se que, na formação de professores, em nível médio e superior, não se tem observado preocupação com o campo específico da modalidade de ensino da educação de jovens e adultos. Sendo assim:

São elementos fundamentais tanto a profissionalização quanto a formação dos professores de jovens e adultos. Não se obterá ensino de qualidade sem um corpo docente qualitativamente preparado para o exercício de suas funções e, muito menos, com precária situação no que respeita à remuneração e condição de trabalho. (GADOTTI e ROMÃO 2005, p. 122).

A EJA não tem recebido atenção necessária, o que se reflete nos processos de formação de educadores, na falta de uma carreira específica, o que acaba por dificultar o processo de ensino aprendizagem.

2.4 O processo de avaliação na EJA

A avaliação é um instrumento imprescindível no processo de ensino aprendizagem, uma vez que a mesma serve como mediadora da prática pedagógica. No entanto,

observa-se que, muitas vezes, o ato de avaliar é visto apenas como um processo de mensuração e /ou atribuição de uma nota, onde a mesma acaba por classificar os “indivíduos” que fazem parte desse “universo”. Neste sentido, a avaliação ganha um caráter excludente, tornando-se um fim em si mesma, não permitindo uma interação e/ou construção de saberes e conhecimentos.

Vale salientar que o ato avaliativo deve ser compreendido como um meio que auxiliará o processo de ensino aprendizagem, possibilitando uma melhoria da qualidade de ensino.

Diante de tal abordagem acerca do papel e da importância da avaliação no processo educativo, destacamos ainda que a avaliação deve ser conscientemente vinculada à concepção de mundo, de sociedade e de ensino, permeando toda a prática pedagógica e as decisões metodológicas. Sendo assim, a avaliação não deve representar o fim do processo de aprendizagem nem tampouco a escolha de instrumentos avaliativos, mas sim, a escolha de um caminho a percorrer na busca de um sistema educacional transformador que valorize o sujeito em sua totalidade. Para Luckesi:

A avaliação da aprendizagem escolar se faz na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos, estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas. (LUCKESI, 2000. s.p)

Considerando que o processo avaliativo na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos passou por diversas mudanças no decorrer dos anos. A proposta de “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida” aborda que para que haja um melhor acompanhamento do percurso da aprendizagem devem levar-se em conta as especificidades dos tempos humanos e as diversas formas de organizar a vida, o trabalho e a sobrevivência dos coletivos populares.

Vale ressaltar, que essas mudanças foram propostas às Unidades de Ensino no segundo semestre de 2009, servindo como um processo de adaptação, mas entrando em vigor a partir de 2010. No novo modelo não existirá mais a atribuição de notas, o aluno será avaliado pelo seu desempenho, ou seja, serão valorizadas as atividades diárias realizadas pelos educandos através de uma ficha de

acompanhamento (Apêndice C), eliminando assim o ritual de provas bimestrais pré-definidas no calendário, introduzindo atividades coletivas, individuais por áreas do conhecimento, trabalho em grupo e individual, caderno de atividades, projetos de aprendizagem, os quais contribuirão para a definição dos resultados no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

Na proposta supracitada, a avaliação será feita por meio de conceitos, os quais são; PC (percurso construído), para o educando que construiu a aprendizagem necessária durante os eixos cursados, podendo avançar para o outro tempo formativo; PI (percurso interrompido), para o educando que interrompeu o estudo durante os eixos, esse educando poderá matricular-se no mesmo tempo formativo que parou; EP (em processo), para o educando que ainda não construiu o aprendizado suficiente para avançar, continuando no mesmo tempo formativo. Vale salientar que a avaliação na proposta recebe novas nomenclaturas incluindo no processo avaliativo o método qualitativo quando valoriza os saberes cognitivos dos indivíduos, porém o quantitativo está implícito, uma vez que em processo construído refere-se aos alunos que obtiverem nota superior a 5,0, ou seja, foram aprovados, já os alunos que alcançarem as notas inferiores a 5,0 representam os alunos em processo, isto é, aqueles que permaneceram na mesma série e, o percurso interrompido é para os alunos que evadiram da escola.

Ainda para a proposta: “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida”, é importante que o educador, durante o processo de ensino aprendizagem, faça a reorientação dos conteúdos abordados para os discentes que não conseguirão ao longo do período acompanhar os conteúdos trabalhados. Compete ainda ao educador, descrever através de registros bimestrais o acompanhamento do processo de aprendizagem do educando traçando a trajetória educacional do período de permanência do espaço educativo, considerando o seu desenvolvimento como pessoa humana e a sua participação social crítica, assumindo um compromisso com a educação humanizadora e emancipadora.

Ainda segundo a proposta, ao final de cada bimestre haverá um conselho de classe, onde os docentes avaliarão os alunos individualmente, verificando se os mesmos conseguirão desenvolver os saberes cognitivos exigidos em cada tempo formativo. Ao final do ano letivo, o discente terá um único parecer descritivo, constando todas as informações ocorridas durante o ano. Sendo assim, é considerado que a

proposta ora apresentada centra-se no processo de aprendizagem, indicando que não haja retenção dos educandos (as) entre os eixos temáticos, salvo se a frequência for insuficiente a ponto de inviabilizar o acompanhamento do processo formativo pelo educador. Neste caso, o educando poderá retornar ao processo do ponto onde parou.

CAPÍTULO III

3 O Ensino da Geografia

O ensino da geografia, durante muito tempo, foi visto como sendo uma simples ferramenta, a qual serve apenas como instrumento de memorização /descrição dos fenômenos naturais e artificiais. No entanto, faz-se necessário romper com esse paradigma de como a ciência geográfica vem sendo trabalhada em sala de aula, uma vez que essa mesma visão não valoriza o indivíduo como agente construtor e modificador do espaço geográfico. Para Kaercher, a Geografia tem como objetivo:

Compreender a vida de cada um de nós desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são. 'Entender a lógica que está inserida em cada paisagem'. Como ela foi construída? Porque ela é assim? É preciso romper com a simples visualização/descrição conformistas das paisagens. (KAERCHER, 1999, p.13.)

Para evidenciar essa afirmação, Botton e Sturmer (2002) pontuam em seu artigo: Laboratório didático experimental de geografia na Educação de Jovens e Adultos que, “apesar das tentativas de inovar o ensino de Geografia, na prática ainda predomina a memorização, sem desenvolver a criticidade, a reflexão e a compreensão do espaço geográfico” (p.4). Como comprovação dessa análise Kaercher (1999, p. 71) instiga que “o movimento de renovação da Geografia brasileira já tem mais de quinze anos, mas seu sopro renovador ainda está distante da maioria das salas de aula do Ensino Fundamental e Médio”.

Diante de tal abordagem, no que concerne ao estudo da geografia se torna preocupante, uma vez que essa “renovação” já deveria estar sendo posta em prática para que o processo de ensino aprendizagem ficasse mais fácil, motivador e prazeroso, modificando dessa forma a visão negativa que muitos alunos atribuem à disciplina de geografia.

Vale salientar ainda que, para Kaercher (1999), as aulas de geografia se tornam cansativas, desinteressantes porque muitas vezes, os docentes valorizam mais a informação contida nos livros didáticos não fazendo uma seleção prévia de conteúdos necessários para serem aplicados em suas turmas e como consequência acabam sobrecarregando o seu alunado com milhares de informações que de nada

servirão para o seu dia-a-dia, a não ser decorá-las para o momento das avaliações. Para evidenciar essa afirmação Callai diz que a geografia é entendida como uma ciência social no instante em que:

Ao ser estudada, tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço) onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço. (CALLAI 1999, p. 58)

A autora ressalta a importância de se trabalhar o local e o cotidiano dos alunos para que eles possam se identificar e ter uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Outra autora que faz inferências sobre o ensino da geografia é Amorim quando pontua que:

O ensino de Geografia deve ser aquele que possibilite de forma mais ampla a compreensão da realidade natural, social e das relações humanas dos indivíduos que fazem deste ou daquele espaço o seu próprio, tomando consciência do sentimento de pertence, da responsabilidade e afeto para com o mesmo. (AMORIM, 2004, p.37)

Assim, ao trabalhar com a realidade do aluno, ele terá um melhor entendimento dos conteúdos abordados e do local, desta forma despertando no sujeito um sentimento de pertencimento. Nesta perspectiva, cabe destacar ainda a importância da Geografia e que, de acordo com Andrade (1999, p. 18), “o papel do ensino em geral (e da geografia em particular) neste século é a busca de novas formas de melhorar a realidade”.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (1998), a geografia é uma área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações.

Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos ‘ler’ e explicar as paisagens e os lugares. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE GEOGRAFIA, 1998, p. 135).

Outra autora que aborda de modo relevante acerca a temática pesquisada é Ana Fanni (1999), quando discute que:

(...) O saber que se torna objeto de ensino na escola não é o saber universitário simplificado, é um saber transformado, recomposto, segundo um processo que trata de dominar ao máximo, evitando simplificações que deformam os conhecimentos ou que provocam desvios (FANNI, 1999, p.132).

Ainda nesse contexto, Callai (1999, p.58) diz que: “A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados de vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”. Sendo assim:

A geografia é feita no dia-a-dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos (empresas transnacionais). Ou ainda, em nossas andanças, ações individuais pela cidade (...), (KAERCHER, 1999, p.15)

Para Callai (1999), a geografia que deve ser trabalhada é aquela que difere da geografia que mostra um panorama da Terra e do Homem, fazendo uma catalogação enciclopédica e artificial, em que o espaço considerado e ensinado é fracionado e parcial e onde o aluno é um agente neutro, sem vida, cultura, história.

Essa geografia que a autora afirma que não deve mais estar inserida na sala de aula é descrita como a Geografia Tradicional, a qual não valoriza o aluno, quando o mesmo precisa compreender que faz parte deste contexto como agente transformador do espaço. Neste contexto:

Considerando essa realidade, e o conteúdo específico da disciplina, o professor oferecerá a discussão pela turma um conteúdo que não esteja desligado da vida dos alunos e da realidade em que vivem. Além do mais, o ensino da geografia deve estar adequado ao contexto histórico em que vivem os homens. Ela é uma disciplina que permite ser um instrumento útil para ler e entender o mundo para exercitar a cidadania e para formar o cidadão. CALLAI (1999, p.62)

Diante de tal abordagem, ainda para Callai (1999), um dos grandes desafios que os docentes de licenciatura em geografia enfrentam é a necessidade de realizar uma leitura analítica do espaço geográfico e chegar à síntese, criando situações no interior do processo educativo para favorecer as condições necessárias ao

entendimento da geografia como uma ciência que pesquisa o espaço construído pelos homens, vivendo em diferentes tempos, considerando o espaço como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações que estabelecem com a natureza nos diversos tempos históricos. Para Amorim:

Na prática cotidiana das escolas e nos discursos docentes a geografia ainda está longe de ser uma ciência aberta e acessível uma vez que os conteúdos, objetos e/ou metodologia empregados ainda denotam a formalização da geografia tradicional senão para os professores, mas na compreensão dos alunos. (AMORIM, 2004, p.38)

Neste contexto, fica possível perceber a dicotomia entre teoria e prática, pois apesar da geografia moderna estar inserida no meio acadêmico e também nas intenções das instituições escolares, essa ainda está longe de fazer parte da realidade escolar devido à presença da geografia tradicional fortemente enraizada no processo de ensino aprendizagem ao longo dos anos.

3.1 O ensino de geografia na Educação de Jovens e Adultos

O ensino de geografia na EJA, assim como nas demais disciplinas, tem que ser trabalhado de forma diferenciada do ensino regular. A geografia assume um papel fundamental nessa modalidade de ensino, pois a mesma trabalha o homem como agente transformador do espaço; a disciplina permite estudar a sociedade e suas relações existentes.

No artigo “O ensino da geografia na educação de jovens e adultos: Por uma prática interdisciplinar” de Loraine Albring (2000) observa-se que a autora aponta o papel central do ensino da geografia, visto que seu objeto de estudo é a sociedade e o espaço geográfico tanto em nível local, como mundial. Na realidade, desde que o homem passou a transformar e organizar os espaços está fazendo geografia; as relações familiares e comunitárias, também, nada mais são que um contexto geográfico. Desta forma, pode-se afirmar que a geografia esteve presente desde o início dos tempos.

Ainda para Loraine (2000), o estudo da geografia da EJA deve estar voltado ao local, entretanto sem esquecer o global, uma vez que, na era da globalização, precisamos ser voláteis e compreender as inter-relações existentes no planeta.

Nessa perspectiva, o artigo: “Laboratório didático experimental de geografia na educação de jovens e adultos”, de autoria de Botton e Sturmer (2002, p. 2) tem como objetivo compreender a prática pedagógica que vem sendo desenvolvida na disciplina de geografia que é ministrada para os jovens e adultos. Neste artigo podemos destacar que o aluno da EJA, segundo Vóvio (1999 apud Botton e Sturmer 2002. p. 2) “É portador de cultura e domina uma série de conhecimentos, habilidades, procedimentos e representações sobre o mundo, que não devem ser desprezados”.

Ainda para Botton e Sturmer (2002), o ensino destinado para jovens e adultos deve, obrigatoriamente, levar em consideração os conhecimentos prévios do educando, a partir de suas experiências na família, no trabalho e na sociedade, para planejar uma prática pedagógica eficiente e de qualidade.

Os docentes que irão atuar nessa modalidade de ensino têm que levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos e a sua realidade, e a partir desses pressupostos planejarem as aulas para que sejam executadas de forma satisfatória, contribuindo efetivamente no processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO IV

4 Análise dos Dados

A pesquisa de campo teve início no período de maio a dezembro do ano de 2009, na Escola Estadual Frei José da Encarnação, em Jacobina- BA. Utilizamos como coleta de dados o questionário realizado com os alunos e professores do segmento de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a entrevista episódica com os estagiários do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – CAMPUS -IV.

4.1 Questionário realizado com os alunos da EJA

O questionário segundo Marconi e Lakatos “É um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” (1990, p. 88) Nesta perspectiva, o questionário foi entregue aos alunos, através objetivamos analisar como vem sendo desenvolvido o ensino da geografia na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos durante o período do Estágio Supervisionado III no ano de 2009.

O questionário foi estruturado em quatro blocos, contendo questões fechadas (múltiplas alternativas) e abertas. No primeiro bloco, objetivando traçar o perfil do educando contempla condições objetivas sobre: sexo, estado civil, faixa etária, grau de escolaridade, atividade desenvolvida, carga horária de trabalho e renda mensal.

Do universo de 251 alunos matriculados na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, apenas 80 alunos frequentavam regularmente, dentre esses foram entrevistados nove alunos, os quais correspondem a um total de 11,3% do alunado das turmas de 5ª a 8ª séries no turno noturno. Com relação ao perfil dos educandos da EJA Oliveira ressalta que:

No que diz respeito aos grupos culturais a que pertencem esses sujeitos, esses têm sido descrito como bastante homogêneos compostos primordialmente por cidadãos de baixa renda, migrantes que chegaram as grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos) com passagem curta e não sistemática pela escola e inseridos no

mercado de trabalho em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência como trabalhadores rurais na infância e juventude.(OLIVEIRA, 2004, p. 220)

Oliveira alerta o perfil do aluno da EJA, de forma relativamente homogênea, é na maioria das vezes, jovens e adultos de baixa renda, impossibilitados de concluir os estudos no ensino regular e deram continuidade a essa ação anos depois, buscando uma melhor condição de vida através da educação, pois o mercado de trabalho exige, cada vez mais, profissionais preparados e competentes..

Com relação aos alunos da EJA, apresentamos os seguintes resultados obtidos na pesquisa de campo. Constatamos que 77,8% dos alunos entrevistados são mulheres e 22,8% são homens; quanto ao estado civil, 77,8% são casados e 22,8% solteiros; a faixa etária média dos alunos entre 20 e 30 anos é de 22,2%, 31 a 40 anos corresponde a 55,6% e com mais de 40 anos sendo igual a 22,2%; o grau de escolaridade dos alunos que cursam 5ª e 6ª séries é de 33,3% e 66,7% cursam 7ª e 8ª séries da modalidade de ensino EJA. Dos alunos entrevistados, 100% trabalham durante o dia, produzindo uma renda mensal de um a dois salários mínimos. As atividades produzidas por esses alunos estão apresentadas no gráfico abaixo.

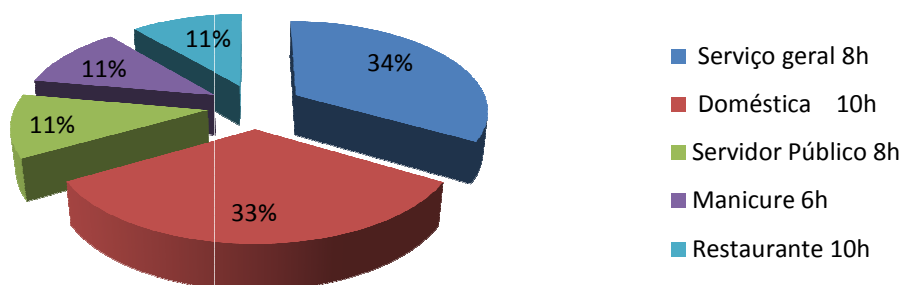


Figura 1- Atividades desenvolvidas pelos alunos e a carga horária diária

As atividades desenvolvidas pelos sujeitos refletem o nível de escolaridade, social e de renda, fazendo com que esses alunos procurem através dos estudos obterem uma melhor qualificação profissional.

Na segunda parte do questionário com os alunos, as questões estavam voltadas para a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos EJA. A primeira

pergunta foi: *Quais foram os motivos que levaram você a estudar na EJA?* Vale esclarecer que alguns alunos marcaram mais de um item, sendo que os dados obtidos apontam que a maioria (47%) indicou *adquirir conhecimentos*, 30% apontaram que estavam interessados em *concluir o ensino médio*, e 23% indicaram que foi em *Questões de trabalho*, conforme pode ser observado na figura 02 abaixo.

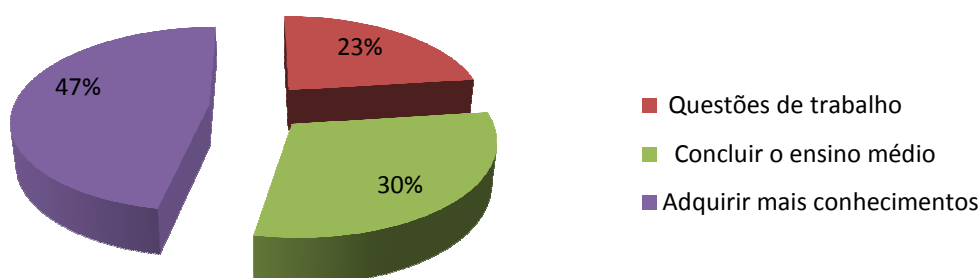


Figura 2- Motivo que levou você a estudar na EJA

Nas perguntas seguintes foi possível perceber que 11,1% dos alunos entrevistados apresentaram dificuldades em estudar duas séries juntas, entretanto 88,9% não demonstraram dificuldades, sendo este um motivo positivo para os educandos da EJA que procuram concluir o ensino fundamental/médio de forma mais rápida. Em relação à disponibilidade dos materiais de estudo na escola, 22,8% afirmam que esta disponibiliza o material e 77,2% dizem que não tem acesso ao mesmo, dificultando a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Na Unidade de Ensino onde foi aplicado o questionário observamos que havia material de estudo, entretanto não era permitido aos alunos que o levassem para casa, sendo apenas utilizado em sala como instrumento de pesquisa e suporte para o desenvolvimento da aula; no término de cada aula esse material era devolvido aos professores. Um dos motivos pelo qual a escola justificava a não disponibilização desse material é que “os alunos da EJA não tinham responsabilidade para com o mesmo, bem como não traziam nos dias das aulas e não entregavam ao final do ano letivo, como é feito no ensino regular”.

Na terceira parte do questionário abordamos sobre o Ensino da Geografia. Foi questionado se os alunos conseguem aprender os conteúdos abordados e 88,9% afirmaram que sim, sendo que 11,1% dizem que às vezes. Os conteúdos dentre os

quais apontaram ter uma melhor aprendizagem nas séries de (5^a a 8^a) seguem na figura abaixo:

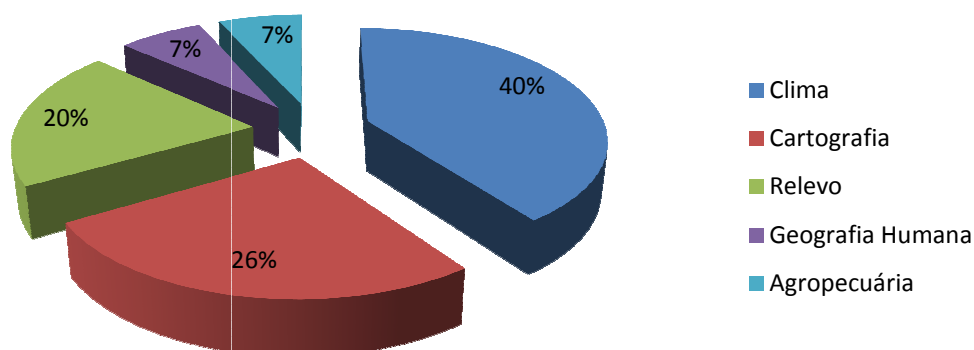


Figura 3- Conteúdos de Geografia que os alunos obtiveram uma melhor aprendizagem

O conteúdo mais citado pelos educandos foi *clima*, com 40% do total, seguido por *cartografia* com 26%, em sequência aparecem os conteúdos *relevo* com 20%, *geografia humana* e *agropecuária* com 7 % cada. Através destes dados, percebemos a presença marcante dos aspectos físicos da geografia, que remete a uma visão tradicional, uma vez que ao se falar em geografia, os alunos atribuem ênfase maior aos aspectos físicos da disciplina, em detrimento dos aspectos humanos. Conforme afirma Pereira:

Essa geografia, que derrama sobre o aluno um amontoado de informações atomizadas sobre o mundo físico e que apresenta o homem como apenas mais um elemento componente deste mundo, traduz uma verdade sobre o espaço geográfico que ignora a intervenção humana sobre ele. (PEREIRA 1999, p.35)

Nesta perspectiva, outro autor que traz inferências relevantes sobre esse ponto de vista é Resende (1989) quando se refere:

Creio que é preciso ensinar uma Geografia que considere o homem como sujeito e não como objeto do processo histórico. Que não separe, enfim, a sociedade da natureza, e que, se eventualmente a separar (numa etapa específica de investigação), não fragmente esse saber, perdendo a sua dimensão de totalidade. Que possamos transmitir aos alunos uma Geografia que sirva aos interesses deles e não dos detentores de poder. (RESENDE, 1989, p.41)

Faz-se necessário uma interligação entre os aspectos físicos e humanos para que um não sobressaia ao outro, haja vista que o ser humano é transformador e construtor do espaço geográfico e a geografia que é trabalhada em sala de aula na maioria das vezes faz a dicotomia entre os aspectos geográficos, não trabalhando a totalidade. Neste sentido, segundo Pereira (1999, p.32), “A separação entre os aspectos naturais e sociais e a tendência de apresentar o espaço físico como algo imutável dificulta a percepção do funcionamento unitário desses dois aspectos responsáveis pela formação do espaço geográfico”.

Na última parte do questionário, feita com relação ao período de estágio, foi questionado se os estagiários facilitam/dificultam a aprendizagem, 66,7% dos alunos afirmam que dificultam a aprendizagem e 33,3% dizem que esse período facilita. Ao ser entrevistado, o aluno Girassol⁴ comentou que: “*A troca de professores dificulta o aprendizado pelo fato de que cada um tem um método de ensino diferente, o que requer um tempo para os alunos se adaptarem, isto é, quando se fala de professores competentes*”.⁵

Entretanto, através da análise dos dados constatamos a insatisfação dos alunos em relação aos estagiários, isso se dá por diversos motivos como: *falta de compromisso, troca de professores, metodologia de ensino, a fragmentação dos conteúdos, entre outros*. Tais motivos são ocasionados devido ao estranhamento da presença do estagiário o que torna - se preocupante, uma vez que este depende do vínculo com a Unidade Escolar para concluir a graduação, como podemos verificar na Legislação Federal Lei nº 6.494/77 artigo 7º:

A instituição de ensino poderá recorrer aos serviços de agentes de integração públicos e privados, entre o sistema de ensino e os setores de produção, serviços, comunidade e governo, mediante condições acordadas em instrumento jurídico adequado.

O decreto reforça a obrigatoriedade de existir o convênio entre a Universidade e a Unidade de Ensino, com o objetivo de assegurar o desenvolvimento do aprendizado adquirido durante o seu período de estudo.

⁴ Objetivando resguardar a identidade dos alunos entrevistados os mesmos são identificados neste trabalho por nomes de flores, uma referência à valiosa contribuição dos mesmos para a concretização desse estudo.

⁵ O aluno demonstrou um nível de conhecimento maior sobre o processo de ensino e aprendizagem, através de um vocabulário mais específico, mostrando o paradoxo da clientela do EJA, frequentemente estereotipada como homogênea.

Diante da análise feita a partir dos questionários realizados com os educandos da EJA, constatamos que o perfil dos alunos é na maioria pessoas que buscam nos estudos melhores condições de vida através da aquisição de conhecimentos, tendo a geografia um papel fundamental neste processo, pois a disciplina permite trabalhar de forma interdisciplinar e trata da realidade do homem, porém a mesma, para os alunos, é associada na maioria das vezes aos aspectos físicos e naturais em detrimento da geografia humana.

4.2 Questionário realizado com os professores que lecionam na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.

O professor aprende através da prática. Confrontando a realidade que reside a ele, o professor coloca-se como autor, isto é, como qualquer um que pode interferir nas características da situação, experimentar condutas novas e descobrir soluções adequadas à situação. (CHARLIER, 2001, p. 85).

O universo dos professores foi composto pelos regentes das salas onde os seis estagiários do curso de Licenciatura em Geografia realizaram o estágio, perfazendo o total de dois professores.

Objetivamos por meio do presente questionário entender qual a visão dos docentes que atuam no segmento de ensino Educação de Jovens e Adultos em relação aos estagiários durante o período de Estágio Supervisionado III.

O questionário foi organizado em quatro partes, as quais continham questões fechadas (múltiplas alternativas) e abertas. Na primeira parte versavam questões sobre o perfil do docente: sexo, estado civil, faixa etária, tempo de serviço na modalidade regular e na EJA; na segunda instigamos se o professor regente orientava os estagiários e como era a relação entre professor X estagiário, para verificarmos como acontecia essa relação; constatamos as seguintes inferências: os professores apresentaram ter uma boa relação com os estagiários, estando à disposição para orientá-los e sanar as possíveis dúvidas, os mesmos ainda afirmam que: *os estagiários contribuem para o aprendizado, pois as aulas ficam mais dinamizadas, entretanto os alunos precisam sentir segurança por parte dos estagiários.* Através da fala do professor podemos perceber que os estagiários

inovam as aulas de forma mais criativa, entretanto esse fator só terá devida relevância se os estagiários possuírem domínio do conteúdo a ser abordado.

Já na terceira parte, analisamos a relação existente entre o estagiário x aluno, onde questionamos: *Durante o período de estágio, os alunos da EJA aceitam ou criam resistência em relação aos estagiários?* O professor Ouro⁶ respondeu que: “os alunos aceitam os estagiários, mas inicialmente com certa resistência.”

Ao confrontar com os sentidos que os alunos têm em relação à “resistência” do estagiário, a mesma ocorre devido a fatores como: *falta de compromisso, troca de professores, metodologia de ensino, a fragmentação dos conteúdos.*

A quarta parte tratava sobre os conteúdos X modalidade de ensino. Foi questionado aos docentes: *Diante de sua experiência pedagógica, em qual modalidade de ensino (regular ou EJA), os alunos assimilam melhor os conteúdos geográficos? Por quê?*.O professor Prata respondeu que: “Sem sombra de dúvida na modalidade regular, por diversos fatores: idade, conteúdo, etc.”

A fala do professor entrevistado pode ser justificada em decorrência dos alunos da EJA serem um público específico e que apresentam determinadas características como: trabalham durante o dia, responsáveis pela família, tiveram passagem pela escola em anos anteriores e por motivos relevantes não concluíram o ensino regular na idade adequada, fatores esses que acabam por dificultar o processo de ensino aprendizagem.

Em relação à análise dos questionários realizados com os docentes, sentimos dificuldades em explorar as respostas dadas, devido às mesmas serem muito sucintas. Em síntese, foi possível chegar às seguintes considerações: o período de estágio supervisionado em geografia, para os professores, contribui para o processo de aprendizagem dos alunos, pois os estagiários inovam as aulas, tornando-as mais dinâmicas.

4.3 Entrevista Episódica

⁶ Objetivando resguardar a identidade dos professores entrevistados os mesmos são identificados neste trabalho por nomes de metais, uma referência à valiosa contribuição dos mesmos para a concretização desse estudo.

Do universo de 11 discentes⁷ do curso de Geografia, que estagiaram na modalidade de ensino EJA, nas séries de 5ª a 8ª séries no turno noturno, foram entrevistados seis discentes que correspondem a 54,5%. Utilizamos a entrevista episódica, a qual é definida como:

A entrevista episódica se baseia em diversos pressupostos teóricos que podem ser buscados em diferentes campos da psicologia. Uma de suas raízes é a discussão sobre o uso de narrativas de pessoas para coletar informações dentro da ciência social. (FLICK, 2002, p. 115)

Para melhor analisar a situação em que os estagiários iriam vivenciar, optamos pela entrevista episódica, técnica que iria nos dar subsídios para perceber as mudanças ocorridas no desenrolar do estágio, uma vez que a mesma se dá através de análises dos discursos, isto é, das narrativas dos sujeitos envolvidos na realidade em questão em diferentes momentos.

Buscamos, por meio da pesquisa episódica, verificar as contribuições e implicações do estágio supervisionado para o curso de geografia, na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos. Para a execução da mencionada pesquisa foi necessário dividi-la em três momentos. No primeiro momento, procuramos identificar os sujeitos que iriam estagiar nessa modalidade. A partir de então, adaptamos uma ficha (Apêndice D) contendo as informações sobre os entrevistados (perfil) e o local onde seria realizada cada entrevista, em seguida realizamos a primeira fase da entrevista, onde foram gravadas as falas, indicando as expectativas dos estagiários antes de irem para a sala de aula. Os estagiários entrevistados⁸ no primeiro encontro demonstraram certo nervosismo, o que pode ser atribuído ao fato da entrevista estar sendo gravada e também à expectativa criada em torno do primeiro estágio. Diante dessa expectativa, destacamos a questão - *Quais são as suas expectativas com relação ao estágio?* O estagiário D diz que:

⁷ Do universo de 11 discentes, cinco não participaram da entrevista, sendo que três por serem autoras do presente trabalho e dois estagiaram em outra unidade de ensino, o que não correspondia à unidade investigada.

⁸ Objetivando resguardar a identidade dos estagiários entrevistados, os mesmos são identificados neste trabalho por letras do alfabeto, uma referência à valiosa contribuição destes colegas para a concretização desse estudo.

Eu acho que vou ter muitos problemas com muitas coisas lá, e já tive conversando com os professores e que identifiquei alguns alunos problemáticos, mas eu acho que vai dar tudo certo vou fazer o melhor possível para fazer um trabalho legal. (D, 2009)

Na fala do estagiário D ficou claro que o mesmo já tinha uma visão preconcebida dos sujeitos envolvidos neste processo de aprendizagem, essa visão do aluno da EJA é fortalecida também pelo corpo docente que os caracterizam como alunos problemáticos.

Os estagiários tiveram a oportunidade de escolher em que série estagiar e em qual modalidade de ensino: regular ou EJA. Dos entrevistados, 83% optaram pela EJA, devido ser a única modalidade de ensino oferecida à noite, 17% optaram estagiar na EJA por curiosidade, uma vez que achavam que os alunos tinham certa deficiência de aprendizado, pois estes alunos são vistos como “marginalizados”.

Quando questionados sobre quais foram os motivos que os levaram a estagiar na EJA, a maioria afirmou ser por questões de trabalho, ou seja, incompatibilidade de horário de atuar no ensino regular sendo a única opção o estágio à noite. Entretanto vale ressaltar a fala do estagiário C: *“Eu creio que é um novo desafio para mim, tendo em vista que os alunos eles, eu acho, eu quero desmistificar essa idéia que eu tenho, que eles tem uma certa deficiência na questão da aprendizado.”*

Diferentes dos outros entrevistados, o estagiário C demonstra a curiosidade de enfrentar um novo desafio que é lecionar em uma turma da EJA, na qual ele tem uma visão que os alunos possuem uma deficiência no aprendizado, pretendendo comprová-la ou desmistificá-la.

Outra questão levantada foi: *Se houvesse ensino regular fundamental no turno noturno, isso interferia na sua escolha? Por quê?*

Dos entrevistados, 50% optariam por ensinar no ensino regular caso fosse oferecido à noite, 33% continuariam com a EJA e 17% independe da modalidade de ensino e sim da disponibilidade de vaga. Apesar de a maioria preferir o ensino regular destacamos a fala do entrevistado D:

Eu acho que não, porque eu conheço a turma, alguns alunos moram no mesmo bairro que eu, e é um desafio para mim trabalhar com EJA pela necessidade que é preciso uma dedicação maior por parte do pessoal, a maioria trabalha durante o dia, muitos são pais de família, tem muitas pessoas com problema de alcoolismo, de drogas, uma série de questões que podem contribuir. (D, 2009)

A escolha do entrevistado D, além de ter sido ocasionada pela questão de horário foi motivada pela sensação de pertencimento ao lugar, pois se identifica com alguns alunos que moram no mesmo bairro que o seu. O perfil do estagiário condiz com o perfil do educador da EJA lançado pela *proposta*: “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida” a qual afirma que uma das características necessárias para construção do perfil do educador da EJA é “Conhecer a comunidade em que atua e sua formação: como vivem e trabalham os jovens e adultos” (2009, p. 5).

A segunda etapa da entrevista episódica foi realizada durante a exequibilidade do Estágio de Regência III. Nesta etapa, objetivamos compreender como os estagiários estavam desenvolvendo as atividades durante o período de vivência em sala de aula, destacando quais as facilidades/dificuldades encontradas, se as aulas estavam sendo realizadas de forma satisfatória, se os alunos estavam compreendendo os assuntos abordados e se o curso de licenciatura em geografia lhes deu suporte para estagiar na modalidade de ensino EJA.

Nesta parte da pesquisa os estagiários se mostraram mais à vontade com a entrevista, demonstrando maior segurança em suas explicações. Atribuímos esses fatores à familiarização com o instrumento de coleta de dados, como também à ansiedade inicial ter sido rompida, uma vez que os mesmos já estavam atuando em sala de aula.

No que concerne às facilidades e dificuldades encontradas em sala de aula foi questionado aos estagiários: *O que você está achando de estagiar na EJA? Encontrou facilidades e/ou dificuldades? Quais?*

Todos os entrevistados, correspondendo a 100%, estavam gostando de estagiar na EJA, o que foi evidenciando através de palavras expressas como: *empolgante, prazeroso, excelente, interessante*, pelos estagiários. Em relação às facilidades e dificuldades, nenhum dos sujeitos encontrou facilidades, entretanto as dificuldades foram atribuídas a: 50% dificuldade de aprendizagem dos alunos, 17% a falta de materiais de estudo, 17% evasão escolar e 16% a falta de interesse do aluno. Para salientar essa afirmação, demonstraremos a fala do entrevistado B: *“Estagiar na EJA é uma experiência interessante, apesar da grande dificuldade que o público EJA apresenta na apreensão de alguns conteúdos.”* (B, 2009)

Para os alunos da EJA se faz necessário a utilização de uma metodologia diferenciada do ensino regular, como podemos afirmar a partir da proposta “Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida” quando se refere à estrutura curricular “Buscamos reconstruir a EJA a partir de posturas afirmativas e olhares menos escolarizados, pois a EJA não deve ser comparada a um suposto modelo ideal de escolarização.” Os educandos da EJA possuem uma bagagem cultural valiosíssima e que pode ser utilizada para o enriquecimento das aulas, proporcionando construção de conhecimento e não apenas o repasse de conteúdo.

É possível, também, verificar na fala da autora (ALBRING, 2000, s.p) que “o aluno adulto seleciona o que lhe é importante; só se interessa pelo que compreende gerar mudanças na sua qualidade de vida.” Entretanto, a escola vem trabalhando os assuntos de forma fragmentada, não valorizando os saberes e as vivências dos discentes, fatores esses que influenciam no aprendizado e na apreensão dos conteúdos abordados.

Ainda no que condiz ao ensino da geografia, é preciso respeitar os saberes, a história pessoal e coletiva e a identidade dessa população, tão sofrida e excluída do contexto sócio-econômico-político e cultural.

No que tange especificamente aos componentes curriculares, foi feita a seguinte pergunta: *Os componentes curriculares cursados até o sétimo semestre no curso de geografia lhe dão suporte para estagiar na EJA?*

Dos dados obtidos, 67% responderam que os componentes curriculares não dão suporte para estagiar na EJA, enquanto que 33% afirmaram que sim. O entrevistado D afirma que: *“Não... É uma pergunta que eu fiquei e me questionando, porque no nosso currículo tem a disciplina para trabalhar com EJA, e, no entanto não foi oferecido”*.

A fala do entrevistado D pode ser confirmada com a fala do estagiário B:

Durante o curso não houve em nenhum momento essa preparação para um estágio na modalidade EJA, é tanto que leva a crer que o estágio tem que ser feito no ensino regular, eu pensava desta forma, porém por impossibilidade de estagiar no ensino regular, procurei uma turma e só na hora de observar essa turma é que percebi as grandes diferenças que existe. (B, 2009)

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos exige uma metodologia, linguagem e materiais de estudos diferenciados do ensino regular. Devido a essa necessidade, o curso de Licenciatura em Geografia, CAMPUS IV- UNEB apresenta em sua grade curricular a disciplina Educação de Jovens e Adultos que, no entanto, não foi oferecida durante a passagem⁹ dos licenciandos pela Universidade, como foi ressaltado nas falas dos sujeitos D e B.

No que concerne à terceira entrevista, os estagiários estavam satisfeitos com os resultados obtidos no estágio, demonstrando descontração durante a entrevista.

Na última etapa da pesquisa buscamos verificar os dados obtidos ao término do estágio. Ao questionar: *Você ficou satisfeito em estagiar na turma da EJA? Justifique?* Todos os entrevistados ficaram satisfeitos por estagiarem na turma da EJA, sendo interessante trazer as falas dos estagiários B e C:

Sim, me senti muito satisfeita ao notar que apesar de todas as deficiências eles conseguiram entender boa parte do que propus, considero que alcancei os meus objetivos. (B, 2009)

Sim! Acabou me motivando para buscar criar aulas envolventes e que agreguem, além do conhecimento, vivência prática dos alunos. (C, 2009).

Ao final do estágio, os licenciandos demonstraram ter passado por uma experiência enriquecedora, que apesar das dificuldades enfrentadas, eles puderam alcançar os seus objetivos com satisfação, afirmando ainda que os problemas encontrados foram motivadores para que pudessem criar novas estratégias de ensino.

Na questão: *Você sentiu alguma dificuldade em adaptar os conteúdos do ensino fundamental regular para os alunos da EJA que é um público específico de Jovens e Adultos?*

O Licenciando relatou que:

Sim, de como trabalhar os conteúdos com esse público com suas características diferenciadas, uma vez que muitos alunos dominavam um determinado conhecimento que foi aprendido de maneira informal ou intuitiva e esse conhecimento traz para o espaço escolar é de grande importância (C, 2009).

⁹ Período correspondente ao ano de 2006 a 2009.

Na fala do entrevistado evidenciamos a importância da valorização dos saberes já existentes nos alunos da EJA, saberes esses que são incipientes nos discentes do ensino regular, pois os estes não possuem as mesmas experiências vividas. No discurso do estagiário B:

As dificuldades são muitas é preciso colher somente o essencial de cada assunto para que as aulas não sejam cansativas, isso é complicado, pois alguns assuntos são complexos e precisam de habilidades para que na hora de selecionar não sejam descartados fatos importantes. (B, 2009)

As dificuldades encontradas pelo sujeito B foram atribuídas à compactação dos assuntos selecionados de forma que não tenham o seu sentido alterado ou suprimido, uma vez que para se trabalhar com os alunos da EJA, a metodologia deve ser diferenciada de modo a despertar o interesse dos mesmos para o conteúdo abordado.

No que concerne à questão da interdisciplinaridade Luck (1994) pontua que:

A interdisciplinaridade, no campo da ciência corresponde à necessidade de superar a visão fragmentadora de produção do conhecimento, como também de articular e produzir coerência entre os múltiplos fragmentos que estão postos no acervo de conhecimentos da humanidade. Trata-se de um esforço no sentido de promover a elaboração de síntese que desenvolvam a contínua recomposição da unidade entre as múltiplas representações da realidade. (LUCK. 1994. p. 59)

Outra autora que enfatiza o conceito de Interdisciplinaridade é Albring (2000) quando pontua que o ensino da EJA deve estar voltado para o local, entendendo a realidade desses sujeitos, porém sem esquecer o global, uma vez que a geografia tem um papel que permite estudar a sociedade e suas relações existentes no planeta.

Nesta perspectiva, perguntamos aos estagiários: *A proposta da EJA é que os conteúdos sejam trabalhados de forma interdisciplinar; você conseguiu abordar os assuntos geográficos de forma interdisciplinar? Como?* 67% dos entrevistados responderam sim e 33% responderam que não. O licenciando B fala:

Acredito que consegui, levei muito texto que exemplificava o assunto trabalhado, solicitava que eles lessem e interpretasse dessa forma acredito que eles desenvolveram a leitura e interpretação, um ponto que muitos apresentavam deficiência. (B, 2009)

A partir da análise dos estagiários, percebemos que é possível desenvolver um trabalho interdisciplinar porque a geografia é uma ciência que abrange outras disciplinas, permitindo trabalhar com a realidade desses alunos não de forma fragmentada, mas em conjunto, despertando-lhes um maior interesse e facilitando a sua aprendizagem.

Por fim, podemos fazer as seguintes inferências a partir das entrevistas episódicas realizadas com os estagiários: os licenciados foram preparados apenas para estagiar no ensino regular, entretanto alguns discentes optaram por estagiar na EJA e, ao se depararem com essa realidade, sentiram dificuldades em adaptar os assuntos teóricos com a prática, uma vez que a Universidade não ofereceu um componente específico da modalidade.

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou, através dos fundamentos teóricos e da pesquisa de campo, compreender as contribuições e implicações da relação entre o Estágio Supervisionado em Geografia e a Educação de Jovens e Adultos. Inicialmente, contemplava um paradoxo e revelou-se uma contribuição significativa para elucidar o papel central da prática dos educandos em geografia na trajetória histórica do desenvolvimento educacional.

Desde os tempos mais remotos, a geografia se apresenta como um elemento essencial para o desenvolvimento do homem. Vale ressaltar, a evolução do ensino da geografia que teve sua base formada a partir da geografia tradicional. Ao longo dos anos, o ensino sentiu necessidade de transformá-la em algo mais crítico, onde o homem atuasse como agente construtor do espaço e não mais como um elemento da paisagem. Diante de tal perspectiva, o professor passa a assumir um papel imprescindível na formação do aluno, pois aquele deixa de ser o detentor de conhecimento para construí-lo junto com o aprendiz, deixando este de ser o sujeito que está em sala de aula apenas para absorver informações do professor, passando a ser também o agente transformador dotado de conhecimentos e informações. Ao se tratar dos conhecimentos dos educandos da EJA, esses devem ser mais valorizados, uma vez que as experiências vividas servirão para facilitar sua aprendizagem. A disciplina geografia ao ser trabalhada com a realidade desses sujeitos de forma interdisciplinar permite a esses alunos uma emancipação cidadã, tornando-os mais críticos e conscientes diante do espaço que os mesmos estejam inseridos.

A proposta e os materiais de estudo dos alunos da EJA são distintos dos destinados aos alunos do ensino regular, contendo assuntos específicos que são formados por temas geradores que condizem com a realidade desses indivíduos. Os materiais e a proposta em se trabalhar com a modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos são diferenciados, portanto a mesma exige um preparo também distinto por parte da Universidade antes dos licenciandos estagiar nessa modalidade. Essa necessidade teoricamente poderia ser suprida através da grade curricular quando

dispõe do componente curricular “Educação de Jovens e Adultos”, entretanto observa-se que o mesmo não vem sendo oferecida há aproximadamente quatro anos.

Apesar de saber das necessidades existentes em se trabalhar de uma maneira específica com os alunos da EJA, o estágio nessa modalidade ainda é permitido mesmo sem ter sido oferecida o componente. Diante da situação apresentada, chegamos às seguintes considerações: os alunos da EJA, ao se referirem ao período de estágio, afirmam que o mesmo dificulta a sua aprendizagem devido à troca de professores por cada um possuir uma metodologia diferenciada, muitas vezes inacessível ao seu entendimento. Como já foi citado, existe a necessidade de se aplicar uma metodologia na EJA distinta do ensino regular.

Contraopondo com as falas dos alunos, os professores regentes entrevistados afirmaram que *o período de estágio facilita a aprendizagem dos alunos por trazerem para sala de aula inovações, tornando as aulas mais dinâmicas e criativas, vale ressaltar que isso só ocorrerá caso o estagiário demonstrar segurança*. Como seria possível demonstrar a referida segurança sem antes haver uma preparação específica para estagiar nessa determinada modalidade?

Ao longo do processo acadêmico, os estudantes são preparados apenas para lecionar no ensino regular, no entanto por incompatibilidade de horários, muitos alunos optaram por estagiar na EJA e quando se depararam com uma realidade totalmente diferente da teoria utilizada na Universidade; foi através da prática que essa dicotomia ficou ainda mais acentuada. Ao se deparar com tantas dificuldades, os licenciandos buscaram ajuda dos supervisores de estágios, os quais foram de fundamental importância uma vez que vieram a suprir essas necessidades, tornando possível a realização do estágio nessa modalidade. Vale salientar que as necessidades supridas pelos supervisores poderiam ter sido evitadas caso a disciplina tivesse sido oferecida aos licenciandos, uma vez que o estágio também acontece nessa modalidade.

Ao se tratar da realidade dos cursos de licenciatura no Brasil, as temáticas referentes não só à Educação de Jovens e Adultos, mas também a de Educação Especial deveriam fazer parte da formação comum a todos, pois o contato com

esses alunos será inevitável, uma vez que os mesmos estão inseridos na Educação Básica.

Nesta perspectiva, é que acreditamos que esse trabalho poderá contribuir de maneira significativa para o meio acadêmico, em particular para a UNEB - Campus IV. Ressaltamos que o componente curricular “Educação de Jovens e Adultos” deve voltar a ser oferecido, pois essa modalidade de ensino está inserida na nossa realidade e se apresenta com muitas peculiaridades que não podem passar despercebidas em um curso de licenciatura e que a sua ausência pode comprometer não só o resultado do Estágio Supervisionado, como também a formação acadêmica desses licenciandos em geografia.

Referências

ALBRING, Loraine: **O ensino da geografia na Educação de Jovens e Adultos: Por uma prática diferenciada e interdisciplinar**. 2000(p.1-16). Disponível em: <http://www.cereja.org.br/site/home.asp>. Acesso em: 10 jun. 2009.

AMORIM, E.S.dos S. (orgs) **Por uma Geografia Cidadã: Estudos e Projetos Pedagógicos no Ensino de Geografia**. Salvador : EdUNEB, 2004.

ANDRADE, M. C de. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1999, p.18.

BAHIA, **Projeto Unificado de Reformulação Curricular do Curso de Licenciatura em Geografia**, UNEB. 2004

BITTENCOURT, Lorenna Lorrayne, MIQUELIN, Maria José, SILVA Vicente de Paulo. **Estágio Supervisionado em geografia: Uma experiência na educação infantil e séries iniciais da Educação Básica** 2006. Disponível em: <http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/index.php>. Acesso em: 12 jun. 2009.

BOTTON, Elis Angela, STURMER, Arthur Breno: **Laboratório didático experimental de geografia na Educação de Jovens e Adultos**: 2002.p.1- 9 Disponível em : <http://www.pesquisa.uncnet.br/>. Acesso em 02 ago. 2009

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília Lei de Diretrizes e Bases Nacional de Educação, Lei 9394/96, 20 dez. 1996.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília. , Lei nº 6.494 , 07 dez. 1977

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. art. 208.

_____. Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação: **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Geografia**. Brasília. MEC. 2001.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Geografia**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, MEC, 1998, p. 156.

BURIOLO, M. A. F. **O Estágio Supervisionado** – 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

CALLAY, H. C. O ensino da Geografia: Recortes espaciais para análise. *In*. Castrogiovanni, A. C. (orgs) **Geografia em sala de aula práticas e reflexões**. 2 ed. Porto Alegre: AGB, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (orgs). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 1999.

CHARLIER E. Formar professores profissionais para uma formação contínua articulada à prática. In:_____. PERRENOUD, Philippe (orgs). **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** 2 ed. Porto Alegre : Artmed Editora, 2001.

FLICK, U. Entrevista Episódica In : BAUER M. W. GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** : Editora Vozes , 2002 p. 114-135.

GADOTTI. M. e ROMÃO J. E. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e proposta.** – 7. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. – (Guia da Escolas Cidadã; v. 5)

GENTIL, V. K. **EJA: Contexto Histórico e desafios da formação docente:** 2005 Disponível em: www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/1254_1452_01.pdf/ Acesso em: 20 Jul. 2009.

GONÇALVES C. W .Porto: Reflexões sobre geografia e educação : Notas de um debate.In:_____. VISENTINI J. W. (et al) **O ensino da geografia em questão e outros temas:** São Paulo :Editora Marco Zero,1987 p.9-43.

LUCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos** 12. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

LUCKESI, C. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** In. Revista Pátio, 12, ano 2, fev/abril 2000. Disponível na URL: <<http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=40bae59541a6f02c758a26c1c093bcd0>> Acesso em: dez.2009.

MALTA, A. A. (et al) : **Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida** (estruturação dos cursos presenciais de EJA na Rede Estadual a partir de 2009) p. 2-7.

MALYSZ, S. T. Estágio em parceria universidade-educação básica. In: _____ . PASSINI, E. Y. PASSINI R., MALYSZ S. T.(orgs.) **Prática de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.p.17-31.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnica de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990

NOVAIS, M. P. S., NUNES, M. D. dos R., SANTOS, E. H. dos. **Regulamento Setorial de Estágio do Curso de Geografia:** 2008.p. 2 -14.

OLIVEIRA, M. K. **Ciclo da vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto** **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, maio/ago. 2004.

PEREIRA, R. M. F. do A. **Da geografia que se ensina a gênese da geografia moderna.** 3 ed. - Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?** – 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RESENDE, M.S. **A Geografia do Aluno Trabalhador Caminhos para uma Prática de Ensino.** São Paulo, Loyola, 1989.

RIBEIRO, V. M. M.(coord.): **Educação de Jovens e Adultos : Proposta Curricular para o 1º segmento do ensino fundamental .** São Paulo, Brasília, 1999.

ANEXO A

Questionário aplicado aos alunos da EJA

1) Sexo:

() Feminino () Masculino

2) Estado Civil:

() Casado () Solteiro () Divorciado

3) Faixa Etária:

() 20 a 30 anos

() 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos

4) Grau de Escolaridade:

() 5^a e 6^a séries

() 7^a e 8^a séries

5) Você trabalha? Em quê? Quantas horas diárias?

() Sim () Não

6) Qual o motivo levou você voltar a estudar:

() Por questões de trabalho;

() Concluir o ensino médio;

() Adquirir mais conhecimentos;

() Outros motivos.

7) Qual motivo fez você matricular-se na EJA e não no ensino regular?

8) Sente dificuldades em estudar duas séries juntas? Sim ou Não? Por quê?

9)A escola dispõe de material de estudo? Caso sim, esse material é distribuído entre os alunos?

10)Você gosta de geografia () Sim () Não , por quê?

11) Você consegue aprender os conteúdos abordados nas aulas de geografia?

() sim () não

Justifique:

12) Quais assuntos de geografia você considera importante?

13- Você conseguiu aprender os conteúdos mencionados na questão anterior?

() Sim () Não

14- O estagiário contribuiu para o seu aprendizado, ou a troca de professores acaba dificultando a sua aprendizagem?

ANEXO B

Questionário aplicado aos professores da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos

1) Sexo:

() Feminino () Masculino

2) Estado Civil:

() Casado () Solteiro () Divorciado

3) Faixa Etária:

() 20 a 30 anos

() 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos

4- Há quanto tempo você leciona?

5- Há quanto tempo você leciona na EJA?

6- Durante o período de estágio você costuma orientar o estagiário? De que forma?

7- Durante o período de estágio, os alunos aceitam ou criam resistência com relação aos estagiários? Justifique:

8) O estágio Supervisionado contribui para o aprendizado do aluno da EJA, ou a troca de professores acaba dificultando a sua aprendizagem?

9) Diante de sua experiência pedagógica, em qual modalidade de ensino (regular ou EJA) os alunos assimilam melhor os conteúdos geográficos? Por quê?

10) Com relação aos estagiários. Você conseguiu perceber em qual modalidade de ensino (Regular ou EJA), os mesmos conseguiram desenvolver as atividades do estágio de forma satisfatória? A que você atribui isso?

APÊNDICE D

Entrevista aplicada aos estagiários que estagiaram na EJA

Informação Contextual sobre a entrevista e o entrevistado

1º Data da Entrevista: ____/____/____

2º Lugar da Entrevista: _____

3º Duração da Entrevista: _____

4º Entrevistador: _____

5º Indicadores para identificar o Entrevistado: _____

6º Gênero do Entrevistado: _____

7º Idade do Entrevistado: _____

8º Profissão do Entrevistado: _____

9º Trabalha nessa profissão desde: _____

10º Campo profissional: _____

11º Onde nasceu viveu/vive: _____

12º Peculiaridades da Entrevista: _____

ANEXO C

1ª etapa da Entrevista

- 1) Sexo:
- 2) Idade:
- 3) Estado civil:
- 4) Qual o semestre você está cursando?
- 5) Você trabalha? Em quê?
- 6) Quais são as suas expectativas com relação ao estágio?
- 7) O que levou você a estagiar na EJA?
- 8) Qual a sua visão com relação aos alunos da EJA?
- 9) Se houvesse ensino regular fundamental no turno noturno, isso interferiria na sua escolha? Por quê?

2ª etapa da entrevista

- 1) O que você está achando em estagiar na EJA ? Encontrou facilidade e / ou dificuldades? Quais?
- 2) Qual o perfil da sua turma?(faixa etária/ comportamento).
- 3) Você consegue dar suas aulas de forma satisfatória? Justifique.
- 4) Os alunos tem facilidades de assimilar os conteúdos geográficos trabalhados?
- 5) Caso tenha dificuldades, a que você as atribui?

6) Um dos grandes problemas encontrados na Educação de Jovens e Adultos é a evasão escolar, isso ocorre na turma em que você está estagiando? Justifique a sua resposta.

7) Os componentes curriculares cursados até o VII semestre lhe dão suporte para estagiar na EJA?

3ª etapa da entrevista

1) Você ficou satisfeito em estagiar na turma da EJA? Justifique.

2) Quais contribuições o estágio supervisionado III lhe trouxe para sua formação como licenciando em Geografia?

3) O fato de ter estagiado na EJA e não no ensino regular influenciou no seu aprendizado?

4) A proposta da EJA é que os conteúdos sejam trabalhados de forma interdisciplinar; você conseguiu abordar os assuntos geográficos de forma interdisciplinar? Como?

5) Você sentiu alguma dificuldade em adaptar os conteúdos do ensino fundamental regular para os alunos da EJA que é um público específico de Jovens e Adultos?

6) Durante o estágio, o componente curricular “Estágio supervisionado III” lhe deu suporte para estagiar na EJA ou você estava apenas preparado para estagiar no ensino regular?